

A INCURSÃO MILITAR DE TASHFĪN BIN 'ALĪ BIN YŪSUF A QAṢR 'AṬIYYA EM 531

Encontra-se no Naẓm Al-Jumān do cronista Ibn Al-Qaṭṭān uma notícia que diz:

وكان في هذه السنة بالاندلس غزوة تاشفين بن
على بن يوسف لخييل من النصارى فهزمهم على
مقربة من قصر عطية

ou seja: “Deu-se neste ano [de 531 = 28 Setº 1136 / 18 Setº 1137] a expedição militar de Tashfīn bin 'Alī bin Yūssuf contra a cavalaria dos cristãos, que ele derrotou nas proximidades do castelo [de] 'Aṭiyya...”. É uma notícia referente ao ano de 531 que não consta da edição de Rawḍ Al-Qirtās que em 1972 saiu em Rabat.

Ao declarar que o Naẓm Al-Jumān “confirma [em 531] la derrota de los cristianos por Tashfīn em Faḥs 'Aṭiyya”¹ estava Huici Miranda já em 1960 a confundir este encontro com o episódio que em 1136 ocorreu em Al-Qaṣr, ou Jabal Al-Qaṣr, e que vem referido no Al-Bayān Al-Mugrib e no Al-Hulal Al-Mawṣiyya. Tal confusão não admira fazer-se por parte de quem declara ser Jabal Al-Qaṣr um “topónimo desconhecido”² que “no se ha logrado identificar”³.

Além disso, e ainda em 1960, também Huici Miranda ao declarar que o Naẓm Al-Jumān “amplia esta información” estava a confundir a incursão de Tashfīn a Qaṣr 'Aṭiyya em 531 com a incursão que se deu em Faḥs 'Aṭiyya e que teve lugar em 530, isto é em 1135 conforme já demonstrámos⁴, cêrca do mês de Outubro / Novembro. O eminente arabista tratava da mesma maneira um Faḥs (que é uma extensão de território, uma região geográfica) e um Qaṣr (um castelo ou fortaleza, que é uma edificação em que interveio obra

¹ HESPÉRIS-TAMUDA, vol. I, 3.º fasc., p. 540.

² *Idem.*

³ *Études d'Orientalisme dédiés à la mémoire de Lévi-Provençal*, t. II, p. 618. Paris 1962.

⁴ Apresentámos o respectivo estudo ao IX Congresso da U.E.A.I., (Amsterdã 1978).

humana). Mas acresce mais: Huici Miranda ao escrever em 1962 que Tasfihn derrotou “un escuadrón de caballería castellana”⁵ estava a modificar a palavra que no texto editado é نصارى , cristãos, e trocava a palavra Qaşr, constante do mesmo texto, por Ḥiṣn⁶.

Antes de prosseguirmos no intuito de localizar esse castelo ou fortaleza, esse Qaşr, convém observar que nada tem a ver o topónimo Qaşr ‘Aṭiyya constante da notícia de 531 no Naẓm Al-Jumān con igual topónimo referido por Al-‘Udrī no caminho de Cartagena para Toledo⁷ e por Ibn Hayyān, este último nos acontecimentos do ano 323, e que Vallvé Bermejo na revista AL-ANDALUS (vol. XXXVII, p. 151), através de nota ao fundo da página crê ser o mesmo topónimo, pois faz citação de Naẓm Al-Jumān e para esta crónica remete as suas considerações.

Ora a verdade é que o acontecimento de 531 no Naẓm Al-Jumān se equipara àquele evento a que alude a *Crónica dos Godos* e através do que se constata ser um e mesmo evento — tal como aconteceu com o fossado de Ladeia, constante das fontes portuguesas, e a incursão de Tashfin a Faḥs ‘Aṭiyya, constante do Rawḍ al-Qirtās. Diz a *Crónica dos Godos*:

Era MCLXXV. EUENIT INFORTUNIUM SUPER CHRISTIANOS IN TOMAR⁸.

A este acontecimento guerreiro também alude a *Crónica de Once Reyes*⁹. Declara Costa Veiga que deve ele ter ocorrido “na primeira quinzena de Junho de 1137”¹⁰.

Nós já anteriormente havíamos mostrado que o nome ‘Aṭiyya originou o hodierno topónimo Ataija (repartido por dois sítios contíguos, Ataija de Cima e Ataija de Baixo), situado uns escassos dois ou três quilómetros a leste da vila de Alcobaça, onde se ergue o magestoso Mosteiro da Ordem de Cister. As deturpações que desde

⁵ Nos citados *Études d'Orientalisme*, p. 619.

⁶ *Idem*.

⁷ Veja-se Abd Al-Aziz Al-Ahḡani nos *Fragmentos Geográfico-Históricos*, Edição do Instituto Egípcio de Estudos Islâmicos, de Madrid, 1965, pgs. 3/4 e 132.

⁸ Uma particularidade a registar aqui: a noticia de Naẓm al-Jumān dá-nos a conhecer que inteveio pessoalmente o émír Tashfin na referida incursão, facto que não acontecia na ementa da *Crónica dos Godos*. Outro pormenor: a crónica árabe utiliza a palavra correspondente precisamente a

cristãos, نصارى . Isto só serve para confirmar a autenticidade da versão cristã naquela *Crónica*.

⁹ Segundo esta *Crónica* “fue Alfonso Enrique correr tierra de moros e ovo batalla con ellos en Tomar e fue vencido”. Veja-se Diego Catalan Mz. Pidal, *De Alfonso X al Conde de Barcelos*, Madrid, ed. Gredos 1962, p. 256.

¹⁰ *Anais da Academia Portuguesa da História*, vol. I, 1940, p. 68.

a Idade Média até aos nossos dias se vêm nos documentos portugueses traduzem a dificuldade de adaptação fonética deste vocábulo pelas gentes locais após a Reconquista. Em 1142 escrevia-se Taigia e até Taygia e em 1153 vê-se escrito Taicha¹¹. Em 1866 vê-se escrito Ataeija¹². Em 1890 vê-se escrito Atahija¹³. A este propósito limitamos-nos a observar: a) que as formas Ataeija e Ataija são aquelas que mais próximas se mantêm da pronúncia original; b) que a introdução da letra *j* emerge de razões que os gramáticos portugueses dão a conhecer nas suas obras da especialidade¹⁴; c) que o peculiar som do ج árabe incidindo sôbre a "kasra" antecedida da consoante geminada جج provocava naquellas gentes o som... *aei*...

Esse Qaşr 'Aṭiyya era aquele mesmo a que alude o cronista português Fr. António Brandão ao falar das terras de Alcobaça¹⁵. Ao referir-se a ele dá um autor moderno, Bernardo Villa Nova, curiosos detalhes respeitantes à sua demolição no século passado¹⁶.

Se a *Crónica dos Godos* tomou a cidade de Tomar como ponto de referência para a localização do acontecimento isso deve-se a motivos essencialmente relacionados com a fundação dela, já na segunda metade do séc. XII. No ano de 1137 ainda nem sequer existia o Mosteiro de Alcobaça.

Com mais este estudo sôbre a actividade militar de Tashfin podemos chegar a uma conclusão da qual poucos terão suspeitado: uma grande parte das operações guerreiras deste émirdesenrolou-se no Andaluz ocidental na parte que hoje é território português. Com efeito observemos esta sequência:

— em 1133 (c. Novembro) estava em Faḥs al-Baqar¹⁷;

— em 1135 (c. Outubro) estava em Faḥs 'Aṭiyya¹⁸;

¹¹ Vejam-se os *Documentos medievais portugueses*, vol. I, tomo primeiro (1958) e o índice no tomo segundo (1962). Ainda outras formas de escrita se encontram.

¹² Veja-se a Carta Cartográfica desse ano publicada pela Direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos e Topographicos, no escala lá mencionada de 1/1:000.000.

¹³ M. Vieira Natividade, *Roteiro Archeológico dos Coutos de Alcobaça*, p. 5. Alcobaça 1890.

¹⁴ Diz Duarte Nunez do Lião na sua *Orthographia da Lingua Portuguesa*, (Lisboa MDLXXVI): o som *i* "quando é consoante..... costumamos de o escrever... rasgado para baixo assim: *j*" (pgs. 8 v. e 9).

¹⁵ Pode consultar-se a edição da *Crónica de D. Afonso Henriques* feita pela Liv. Civilização, pgs. 151, 152 (Porto 1945).

¹⁶ Leia-se a obra *Alcobaça através do Arquivo da sua Câmara Municipal*, Alcobaça 1940, designadamente nas pgs. 10 e seguintes.

¹⁷ Veja-se o nosso estudo "O recontro militar de Tashfin bin 'Ali em Faḥs Al-Baqar em 1133", no *Boletín de la Asociación Española de Orientalistas*, Ano XVI, 1980.

¹⁸ Remetemos para a anterior nota (4).

- em 1136 (c. Maio / Junho) estava em Al-Qaşr ou Jabal Al-Qaşr¹⁹, regressando a Córdoba no mês de Julho;
- em 1137 encontrava-se próximo de Qaşr 'Aṭiyya, prosseguindo para Escalona²⁰ e chegando depois a Córdoba.

Como Tashfīn tinha regressado a Córdoba pelo mês de Julho de 1136 mas em Junho de 1137 já estava em Qaşr 'Aṭiyya, seria de concluir que desde a partida de Córdoba até chegar próximo de Qaşr 'Aṭiyya no ano seguinte levava alguns meses a percorrer a respectiva distância. Porém, consta do al-Bayān al-Muġrib uma notícia provinda de Ibn Hamāda segundo a qual Tashfīn marchou em Rabī' de 531 (Dez^o 1136 / Jan^o 1137) contra os Rum. Ora é muito natural que neste entretempo o émīr tivesse encontrado os salmantinos; e neste ponto estamos de acôrdo com Huici Miranda em crer que "fuesen los Salmantinos en su tercera incursión"²¹ aqueles Rum a que alude Ibn Hamāda; e que nesta hipótese a incursão contra os cristãos nas proximidades de Qaşr 'Aṭiyya se operasse só após isso. Aliás seria a repetição de similar situação já anteriormente verificada, pois a marcha para Faḥs al-Baqar em 1133 operara-se após o émīr ter defrontado também Rum salmantinos numa das expedições para sul —expedições que chegaram a atingir Serpa e a localidade de Sylvia (Silves ?)—, tal como refere a *Chronica Adefonsi Imperatoris*.

Lisboa.

MARTIM VELHO

¹⁹ Consta do *Al-Bayān al-Muġrib*. Esperamos escrever um artigo a demonstrar que o topónimo Al-Qaşr era o do actual Alcácer do Sal, no foz do rio Sado. Era esse castelo "o mais forte da Peninsula no tempo de romanos e árabes".

²⁰ É o que consta do Nanz al-Jumān.

²¹ *Études d'Orientalisme*, p. 618.